



2.12 • Nacionalismos e separatismos

Os nacionalismos e secessionismos na Rússia

Maria Raquel Freire

A FEDERAÇÃO RUSSA é o maior território do mundo, cruzando espaço europeu e asiático, e tendo uma longa história relativamente a dinâmicas de poder, de domínio e submissão, quer dentro deste espaço alargado, quer para além do mesmo. As políticas promovidas no tempo de governação soviética relativas à promoção de princípios unificadores nacionalistas, a par de políticas de alteração da composição étnica de determinados grupos, assegurando o controlo do poder central – quer com base na dispersão étnica, quer assente em lealdades políticas – contribuíram para o redesenhar do mapa etnopolítico da União Soviética, com consequências fundamentais no que é o atual mosaico populacional que caracteriza a Rússia.

“
O secessionismo implica a vontade de um grupo se autonomizar do poder que o governa e criar um espaço político autónomo e independente.”

Após o final da Guerra Fria e a desagregação da União Soviética, redefiniu-se uma nova Rússia que se reposicionou no sistema internacional. O novo estatuto exigia um curso de ação que permitisse o reajuste não só à sua nova dimensão geográfica, mas também, e principalmente, à nova realidade política, económica e de segurança do país e que caracterizava também o próprio redesenho do sistema internacional. Neste processo, a política interna russa consolidou-se, assente num modelo de governação centralizado e num crescimento económico, que particularmente entre 2000 e a crise de 2008 registou taxas de crescimento na ordem dos 7% anuais. A consolidação interna, traduzida em estabilidade política e social e crescimento económico, era entendida como a base para que externamente a Rússia pudesse assumir um papel mais interventivo, e projetar-se como uma grande potência – objetivo cedo definido. No processo, o discurso nacionalista tornou-se crescentemente presente.

Nacionalismo e a ideia da ‘grande Rússia’

A construção da ‘grande Rússia’, relembrando o passado e procurando espelhar essa grandeza nas políticas em curso, tornou-se presente nos documentos fundamentais de política externa russa. Nacionalismo passou a ser entendido como um mecanismo unificador em torno de um

ideal partilhado. O discurso e a ação passaram a orientar-se por este objetivo máximo, para o qual o apelo à coesão nacional face a ameaças internas e externas se revelou um instrumento fundamental. No plano interno, os projetos secessionistas do Cáucaso do Norte são identificados como a ameaça prioritária; já no plano externo, esta é identificada com o alargamento da Aliança Atlântica às fronteiras russas (Doutrina Militar Russa, 2010 e 2015). Combinadas, estas leituras de ameaça têm contribuído para o reforço do discurso nacionalista, assente no pressuposto de afirmação da ‘grande Rússia’ no sistema internacional, reconhecida como potência com capacidade de ação, resposta e influência. A projeção desta imagem assenta em políticas de consolidação interna e no controlo de movimentos que possam trazer instabilidade ou questionar o curso de reafirmação do estatuto da Rússia. Deste modo, esta perceção de ameaça centrada no fundamentalismo islâmico, que se tem tornado um elemento agregador dos movimentos de secessão do Cáucaso do Norte, incluindo repúblicas como a Chechénia, Daguestão, Ingushétia, Kabardino-Balkária e Karatchaievo-Tcherkássia, é lida como um elemento desestabilizador da ordem interna e que necessita ser contido.

O Cáucaso do Norte: desafios à integridade territorial

O secessionismo implica a vontade de um grupo de se autonomizar do poder que o governa e criar um espaço político autónomo e independente. Esta figura jurídica configura o desafio à integridade territorial, que pode passar por ações mais ou menos violentas destes mesmos grupos

e/ou comunidades, no sentido de prosseguirem o objetivo de autodeterminação. No entanto, o que a história demonstra é que o secessionismo dificilmente se concretiza, e geralmente necessita de apoio de um poder externo. Esta leitura segue o entendimento de que o governo dominante controla os recursos, a diferentes níveis, limitando simultaneamente o acesso dos grupos secessionistas aos mesmos. E mesmo registando sucessos no campo militar, estes não são condição suficiente para assegurar a secessão, como as guerras da Chechénia bem ilustraram¹.

O secessionismo implica a vontade de um grupo se autonomizar do poder que o governa e criar um espaço político autónomo e independente.

As guerras da Chechénia foram, neste contexto, um exemplo claro deste desejo de contenção de movimentos secessionistas, evitando uma desagregação territorial da Federação Russa. As duas guerras ao longo dos anos noventa revelaram a postura inflexível das autoridades em Moscovo face a tentativas de secessão, e uma resposta militarizada à ameaça que se colocava à integridade territorial. Apesar de considerar a Chechénia como um caso resolvido, a instabilidade nesta área geográfica da Rússia permanece. Mas como afirma Dmitri Trenin,² não se trata mais de luta pela independência de uma região específica do Cáucaso, mas antes de uma luta para estabelecer um ‘califado caucasiano’ com base na *sbaria*.

A reforma administrativa de 2010, que levou à criação de uma nova região administrativa do Norte do Cáucaso, é reveladora da relevância que esta região e o controlo da mesma representam para as autoridades centrais em Moscovo. Na altura desta reforma administrativa, o então pre-

AS GUERRAS DA CHECHÉNIA, A OSCE E A RÚSSIA

Em 1991, Dzhokar Dudayev e os seus apoiantes tomaram o poder na República Chechena por via militar. O governo russo nunca reconheceu a autoproclamada independência nem a eleição de Dudayev como presidente (outubro 1991). A intervenção armada russa entre 1994 e 1996, conhecida como primeira guerra da Chechénia, visava retomar o controlo da área, incluindo as rotas energéticas caucasianas e divergir atenções de problemas internos na Rússia. Os rebeldes mantinham a sua postura de oposição a uma administração regional não-funcional, e forçaram a retirada das tropas russas em 1996. Em 1999 é planeada uma nova incursão militar que dá início à segunda guerra da Chechénia, que, apesar de se prolongar no tempo, é declarada ganha pelas forças russas na primavera de 2009. No processo, a Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE), que chegou a ter uma missão de observação no terreno, foi obrigada a retirar, com base no pressuposto de que a ofensiva militar antiterrorista inviabilizava os seus bons ofícios. A organização regressa ao terreno apenas em 2001, à área de Znamenskoye. A missão no terreno concentrou então as suas atividades na resposta a pedidos relativos a desaparecimentos, apoio humanitário, e desenvolvimento de projetos direcionados ao contexto pós-violência. Contudo, o regresso dos observadores da OSCE gerou críticas em Moscovo de promoção de ‘paixões nacionalistas’ ao invés da sua concentração na ajuda humanitária. A OSCE viu, neste contexto, o seu mandato condicionado ao apoio humanitário e à coordenação do regresso de deslocados. Fontes russas argumentavam que a componente política do mandato da organização estava concluída. A falta de entendimento entre a OSCE e as autoridades russas relativamente à renovação do mandato que permitiria a presença continuada dos observadores no terreno levou à cessação de atividades em 31 de dezembro de 2002, tendo a presença da OSCE no terreno cessado efetivamente no mês de março seguinte.



As fronteiras movediças do Cáucaso.

Fonte: Springtime of Nations, (disponível em <http://springtimeofnations.blogspot.pt/2014/01/is-ossetian-reunification-russian.html>).



Emirados do Cáucaso. Nota: O termo Vilayat é usado pelo Islão para se referir ao governo ou à pessoa que o preside.
Fonte: Wikipédia (disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Caucasus_Emirate).

sidente russo Dmitri Medvedev comentou que ‘os problemas da região derivam essencialmente de atraso económico, desemprego e de um elevado índice de corrupção’³. Mas não deixou de referir a questão do terrorismo nestas repúblicas enquanto áreas de radicação e treino de elementos terroristas, como uma preocupação com carácter prioritário. Além do mais, a militarização da área potencia o reforço da presença de militares russos como forma de contenção de movimentos antirregime ou de cariz secessionista. É interessante notar, neste contexto, a legitimação dos meios usados para prosseguir a luta contra os secessionismos, e que foi marcadamente violenta no seu formato e conteúdo.

Quadro de legitimação: o terrorismo transnacional

Os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos da América, e a ‘guerra global contra o terrorismo’ (*Global War On Terror*;

GWOT) que se seguiu, permitiram uma alteração no discurso, legitimando formas de atuação. De facto, no discurso político e de segurança russo, as expressões ‘secessionismo’ e ‘independentista’ foram substituídas pelas de ‘terrorismo’ e ‘terrorista’. Esta alteração na fórmula política criou um novo quadro referencial que veio legitimar o uso da violência contra uma ameaça que passa a ser parte integrante das ameaças globais associadas ao fundamentalismo islâmico e à radicalização destes grupos e da sua atuação. O Cáucaso do Norte passou, assim, a ser identificado na Rússia como uma área preferencial de atuação destes grupos, que visam a criação de um grande estado islâmico. Combater esta ameaça tornou-se premente, e as críticas à forma de resposta militarizada deixaram de se fazer ouvir. Para o governo russo a questão chechena foi sempre tratada como assunto interno do Estado, sendo que qualquer mediação internacional não fazia sentido. Na luta contra o terrorismo, as ações de-

envolvidas na Chechénia foram sempre descritas como similares a quaisquer outras que fossem desenvolvidas noutras regiões ou cidades russas. Os ataques terroristas na Rússia repetem-se com níveis de intensidade variáveis e com focos diferenciados, como o ataque ao teatro Dubrovka em Moscovo em 2002, o ataque à escola de Beslan em 2004, a tomada da cidade de Nalchik em 2005, os ataques no metro de Moscovo em 2010 ou no aeroporto internacional de Domodedovo em 2011. Apesar da resposta coordenada e dura do Kremlin, os ataques continuam a marcar, por um lado, o descontentamento com o tratamento de que a região do Cáucaso do Norte é alvo nas políticas russas, entendido como discriminatório e violando direitos fundamentais das populações locais, e por outro, a vontade expressa de prossecução de um projeto imaginado de constituição de um espaço político próprio, governado segundo princípios islâmicos.

Contudo, a Rússia permanece firme no seu curso nacionalista e de reforço da integridade territorial. A criação do Conselho Presidencial para as Relações Interétnicas, que reuniu pela primeira vez em agosto de 2012, e a adoção da Política Nacional Estratégia do Estado até 2025 (aprovada em 2012) apontam para a consolidação ‘de uma consciência cívica russa e de uma comunidade espiritual dos povos multiétnicos da Federação Russa (a nação russa)’⁴. Deste modo, a atuação legitimada no discurso antiterrorista e nacionalista pretende não só conter o radicalismo islâmico no Cáucaso do Norte e as tendências secessionistas que este protagoniza, mas também reforçar o projeto de construção da ‘grande Rússia’, que passa pelo reconhecimento de estatuto a nível externo, mas cuja dimensão interna se constitui como um pilar fundamental deste projeto. Estabilidade e crescimento parecem ser, deste modo, os ingredientes essenciais à projeção do poder externo da Rússia. Nesta linha, a contenção dos secessionismos e a projeção do nacionalismo enquanto elemento agregador da nação multinacional completam a equação. ■

Notas

- ¹ Ayres, R. William (2005) ‘Secession’, in Griffiths, Martin (ed) *Encyclopedia of International Relations and Global Politics*. London: Routledge.
- ² Trenin, Dmitri (2014) *The Daily Star*, ‘Commentary’, 7 fevereiro. Disponível em <http://www.dailystar.com.lb/Opinion/Commentary/2014/Feb-07/246617-russia-must-not-lose-the-war-against-terrorism.aspx#sthash.ouZCOas.dpuf>.
- ³ Medvedev citado em ‘Medvedev Creates New North Caucasus Federal District’, *RFE/RL*, 10 janeiro 2010. Disponível em http://www.rferl.org/content/Medvedev_Creates_New_North_Caucasus_Federal_District/1934705.html.
- ⁴ Markedonov, Sergey (2013) ‘The North Caucasus: The Value and Costs for Russia’, *Russia in Global Affairs*, 27 december. Disponível em <http://eng.globalaffairs.ru/number/The-North-Caucasus-The-Value-and-Costs-for-Russia-16287>.